

“muitas coisas verdadeiras e falsas” sem distingui-las, não está atrelada a qualquer referente específico correspondente e só encontra o fundamento de sua autonomia em suas qualidades enquanto obra de arte literária, isto é, em sua beleza. Esta posição revela o problema hermenêutico abrigado na tensão entre o trabalho do artista e a atividade do intérprete diante da obra, haja vista que, ao contrário de textos científicos ou de uso prático, a criação poética não se limita à transmissão de conteúdo. O conceito de texto eminente tem a finalidade de lidar com o desafio hermenêutico imposto pela conexão indissolúvel entre poetizar e interpretar que – por dizer respeito à natureza do próprio poetizar tanto para o criador quanto para o leitor – possui implicações mais filosóficas que técnicas.

Palavras-chave: Hermenêutica Filosófica; Literatura; Interpretação; Gadamer.

SOBRE O RACISMO DE DAVID HUME

Prof. Dr. Marcos Ribeiro Balieiro¹⁹

Resumo: Em nota de rodapé acrescentada, a partir de 1753, ao ensaio “Of National Characters”, Hume faz considerações inegavelmente racistas, segundo as quais povos não-brancos seriam naturalmente inferiores aos brancos. Como se sabe, a última edição dessa nota seria revisada de modo a tratar como inferiores somente os negros, e não outras “raças” mencionadas no ensaio. Neste artigo, propõe-se uma avaliação do racismo de Hume que leve em conta o contexto em que essas afirmações se inserem, mostrando que não é possível tomar as posições do filósofo escocês como simples resultado de seu tempo. Em seguida, realizam-se algumas considerações sobre o impacto da “nota de rodapé infame” para o próprio pensamento moral e político do filósofo (que parece relegar os negros frequentemente ao papel de menos que humanos, ou, ao menos, a “outros”, aos quais talvez Hume talvez considerasse que suas teses sobre a natureza humana não se aplicariam), bem como para autores que teriam sido influenciados por ele. Para isso, recorre-se não apenas a textos do próprio Hume e à bibliografia secundária relevante, mas a outros autores do período, tanto para mostrar o impacto das teses racistas do filósofo quanto para mostrar casos em que elas foram rebatidas por seus contemporâneos.

¹⁹ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Palavras-chave: Hume; Racismo; Raça; Negros; Iluminismo escocês.

UMA CONVERSA SOBRE O ENSINO DA FILOSOFIA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS NA DÉCADA DE SETENTA

Prof. Dr. José Paulino da Silva

Prof. José Valdir Barreto dos Anjos

Prof. Eduardo Ubirajara R. Batista²⁰

Resumo: Algumas das universidades públicas brasileiras das capitais de pequeno e médio porte foram criadas no final da década de 60; estávamos, portanto, em pleno regime da ditadura militar de 64. Foi o caso da Universidade Federal de Sergipe, criada sob o regime jurídico de fundação no final de 1968. Todas estas universidades dependiam financeiramente do MEC e viviam, sobretudo, sob o controle dos Decretos 477 e 228 além do Ato Institucional nº 5. Ensinar as disciplinas ligadas à Filosofia, à Sociologia e outras de caráter reflexivo era um desafio que demandava muita atenção e tensão por parte do corpo docente destas disciplinas. Meu desafio, José Paulino da Silva, foi ensinar Filosofia da Educação neste clima de censura em que vivíamos. Para se ter uma ideia, autores como Anísio Teixeira, Durmeval Trigueiro Mendes, Paulo Freire e Darcy Ribeiro eram terminantemente proibidos de serem ensinados. Nosso objetivo é refletir com os colegas da mesa, ou seja, também com José Valdir B. dos Anjos e Eduardo Ubirajara R. Batista, sobre nossa experiência docente naqueles primeiros períodos de vida da universidade. Pensaremos a questão: Qual “o lugar” da Filosofia numa Universidade?

Palavras-chave: Universidade; Filosofia; Década de setenta.

²⁰ Respectivamente: O prof. José Paulino da Silva é doutor em Filosofia e História da Educação. O prof. Eduardo Ubirajara R. Batista é professor adjunto, da graduação e da pós-graduação – *lato sensu* - da UFS (1971-1995, aposentado); professor da ASA/Unit (1972-1992); professor da graduação e da pós-graduação da FANESE (1999-2020); monitor de Metodologia da Ciência (UFPB, 1970); autor de manuais de Metodologia da Ciência, de Estatística e do GUIA de Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico; professor emérito nas três primeiras instituições mencionadas.